

KLARA KIELMANOWICZ¹

(Yedinitz, Bessarábia, 1929; S. Paulo, Brasil, 2018)



Klara Kielmanowicz durante o Congresso
Ídiche*. Tel Aviv, 1978.

Fotografia de Shimon Fuchs.

Acervo: K. Kielmanowicz/SP;

Arqshoah/Leer-USP.

¹ Texto de Klara Kielmanowicz: *Uma marcha, uma vida, um legado* (Humanitas, FFLCH-USP). Baseado em entrevista concedida por Klara Kielmanowicz a Rachel Mizrahi e Maria Luiza Tucci Carneiro. S. Paulo, 13 de janeiro de 2014. Vídeo: Laís Rigatto Cardilo. Transcrição: Leonardo Vaccaro. Transcrição: Maria Luiza Tucci Carneiro e Rachel Mizrahi. História completa publicada no livro acima citado.

Minha raízes na Bessarábia

Meu nome é Klara Kielmanowicz, sendo Brand de solteira, sobrenome que herdei dos meus pais, Itzik e Cecília. Nasci em 1929 na pequena cidade de Yedinitz ou Edineti, na Bessarábia, hoje República da Moldávia, situada na Europa Oriental independente desde 1991.^A



Yedinitz, na Bessarábia, atual Moldávia,
cidade natal de Klara Kielmanowicz.

Google Maps.

A- No começo do século XIX, a Bessarábia, juntamente com outras regiões do Império Russo fez parte da “zona de residência obrigatória” (*pale of settlements*). Os judeus que moravam nesta área não podiam ir a outros territórios sem permissão especial. No final deste século, a população judaica da Bessarábia chegou a cem mil habitantes, mantendo os mesmos problemas vivenciados por seus antepassados há séculos: perseguições e antissemitismo. Aos judeus, com raras exceções, não era permitido adquirir casas ou cultivar a terra; não podiam cursar livremente as universidades, havendo restrições a determinados cursos e em algumas áreas de trabalho. Cerca de 50% da população era composta por moldavos e a outra metade distribuída entre russos, alemães, húngaros, muçulmanos e judeus. Desde então, o território da Bessarábia foi disputado pela Rússia e Romênia, submetida alternadamente a fazer parte desses Estados. Essa disputa continuou até a Segunda Guerra Mundial.

Embora tenha nascido em 29 de maio de 1929, meu documento indica a data de 30 de março de 1932, estratégia encontrada por meus pais para fugir das restrições que nos impediam de sair da Europa. Quando nasci, uma epidemia se espalhara pela minha cidade e muitos recém-nascidos haviam falecido. Eu sobrevivi, e minha avó Tuba dizia que eu era uma menina de sorte. Na verdade nunca pude me queixar. Passaram-se anos, dezenas de anos, e continua viva em minha memória e profundamente no coração, a imagem do meu velho lar na cidadezinha de Yedinitz. Embora os anos de minha infância representem pequenos fragmentos

de minha vida, a dor sentida era tão profunda que, em alguns momentos, me impele a procurar desafogo no papel.



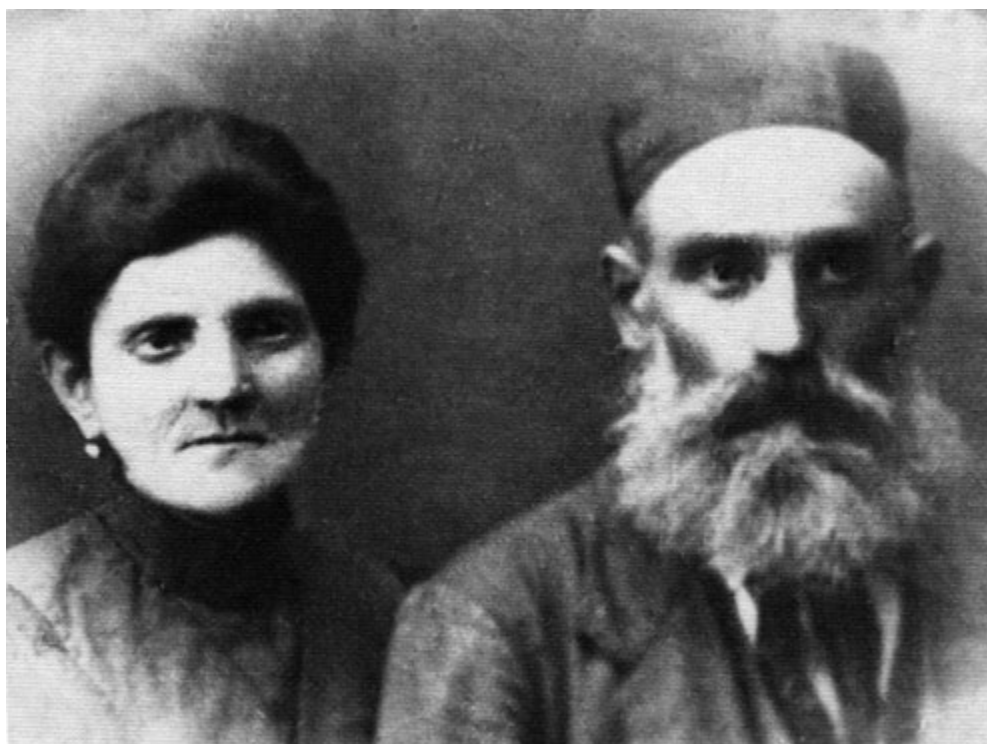
Família Brand: Itzik Brand, futuro pai de Klara, ainda solteiro (à esquerda), com seus pais, Tuba e Srul Brand (ao centro), avós paternos de Klara [Brand] Kielmanowicz, e Sheila Brand, irmã de Itzik. Yedinitz, 1935. Fotografia não identificado. Acervo: K. Kielmanowicz/SP; Arqshoah/Leer-USP.

Venho de uma tradicional família judaica do Leste Europeu: a família Brand, que pelo lado paterno era composta por Srul e Tuba Brand, e seus dois filhos: Itzik, que viria a ser meu pai, e Sheila. Frequentavam a sinagoga nas comemorações de *Rosh Hashaná** e *Yom Kipur** – as Grandes Festas, que nos mantinham unidos por uma identidade comum: judeus nascidos na Bessarábia. Costumávamos nos reunir durante o *Shabat**, quando pratos típicos eram colocados na mesa para alegria de todos após as rezas que demarcam o nosso judaísmo. Hoje, preparo o caldo e o *guefilte fish* exatamente como minha mãe costumava fazer: receitas antigas, heranças da família. Após o jantar, nos distraíamos com sementes de girassol torradas.

Em Yedinitz vivíamos bem e com conforto. Meu pai era proprietário de um estabelecimento de calçados de couro localizado no centro da cidade. Éramos unidos e tínhamos um círculo grande de amigos. Em vista do seu trabalho, meu pai costumava viajar com certa frequência para fazer compras em Kichinev e Beltz, cidades de maior expressividade na Bessarábia.

Quando voltava, era uma festa: eu mesma desfilava os primeiros calçados que ele trazia para comercializar. Nossos contatos com aquelas cidades eram contínuos: ali minha mãe consultava seu dentista e outros profissionais de Beltz, embora estes já atuassem em Yedinitz.

Minha avó Tuba morava conosco desde o falecimento de meu avô Srul Brand. Embora eu fosse ainda uma criança, lembro-me de quando tia Léa nos levou, eu e meu irmão, à sua casa para evitar que presenciássemos o funeral de meu avô paterno. Minha avó era uma pessoa querida e não posso deixar de dizer aqui que, graças a ela, nos salvamos por duas vezes em acontecimentos que pretendo relatar. Minha mãe “costurava para fora” como se dizia antigamente, auxiliada por duas moças: fazia camisas brancas, compradas pela “fina flor” de Yedinitz, judeus e não judeus. Eu adorava vestir as roupas e os saltos altos de minha mãe e, com eles, costumava desfilas pela casa, provocando risos em família.



Tuba e Srul Brand, avós paternos de Klara [Brand] Kielmanowicz. Yedinitz, 1935.
Fotógrafo não identificado. Acervo: K. Kielmanowicz/SP; Arqshoah/Leer-USP.

Meu avô materno se chamava Huna Ackerman, sendo conhecido na cidade pelo familiar apelido de *Huna-Einechs*, que significa “o filho de Einech”. Ele trabalhava na compra e venda de gado, participando de exposições de animais. Lembro-me de ouvir minha mãe

pedindo para eu levar alguns mantimentos até ele, que estava adoentado. Nesses momentos, eu aproveitava a ida para tricotar com minha prima Reise. Os irmãos de minha mãe chamavam-se: Felipe, Iankel, José e Huna Acherman.

Aos cinco anos, comecei a frequentar o Jardim da Infância, escola que ficava em frente de nossa casa. Embora a escola estivesse perto, minha mãe me levava até a professora Raquel. Eu gostava de ir à escola e, durante o período das férias, torcia pelo recomeço das aulas. Sentia saudades das professoras e das minhas amiguinhas. Meu irmão David estudava em Dubrov em escola conceituada que funcionou até o momento em que a família mantenedora daquela instituição se transferiu para a Palestina, proposta comum aos judeus sionistas da Bessarábia. Lembro-me bem desta data em que completei sete anos: fui à escola Bitner e, no mesmo dia, os *cuzistas*,^A grupo antissemita, desfilaram no meio das ruas, vestidos com camisas negras. Preocupada, minha mãe pensou em nada fazer para comemorarmos o meu aniversário. Excepcionalmente, naquele dia, os *cuzistas* passaram pelas ruas e nada fizeram. Às pressas, minha mãe resolveu comemorar meu aniversário com uma festinha improvisada. Sentia-me sempre querida pelos meus colegas e pela minha família.

A- A expressão “cuzista” vem do tempo de Alexandre Joan Cuza, primeiro-ministro da Romênia, quando os camponeses eram incitados a atacar os judeus. O ódio de Joan Cuza pelos judeus era tanto que essa expressão soava como sinônimo de antissemita.

O ginásio de Yedinitz, criado em 1922, foi fechado pelo governo antissemita. Para continuar nossos estudos, meu irmão e eu precisávamos ir até Hotin, onde faríamos prova de admissão ao ginásio local. Embora tivesse condições de ser aprovada, não pude ir, pois havíamos perdido a cidadania romena, como explicarei em breve. Pressentindo que a guerra chegaria até nós, meu pai retomou a ideia de emigrar com toda a família para os Estados Unidos seguindo o exemplo de

seus irmãos Leizer e Cheiva que já viviam em Nova York. Na tentativa de buscar uma saída, toda a família foi a Bucareste providenciar os documentos necessários para empreender a viagem. Na espera, minha avó Tuba, preocupada com a proximidade do *Pessach**, quis retornar a Yedinitz, pois acreditava que na capital húngara não comemoraria bem a festividade. Meu pai, ao acompanhá-la, voltou sem os nossos documentos de identificação. A falta de meu documento de identidade impediu-me de ir a Hotin, cidade próxima a Yedinitz, onde faria prova para prosseguir meus estudos. Assim, não conseguimos deixar a região. Tempos difíceis anunciavam mudanças em nossas vidas. Assim, embora bem preparada pelo professor Yani Brunstein, não pude viajar a Hotin, por falta de documento de identidade. Fiquei em casa chorando, vendo minhas amigas se preparando para a viagem.

Tempos de mudanças

O desejo familiar de emigrar vinha de há algum tempo, antecedendo até mesmo o meu nascimento. A venda de nossos bens em Yedinitz chegou a ser providenciada, entretanto, não vingou. Justamente naquele período meu pai conheceu minha mãe e acabaram se casando, formando um bonito par: minha mãe era uma mulher bonita, aliás, lembrada em Yedinitz pela sua beleza. Meu pai era, como se diz hoje, um “bom partido”. Juntos, enfrentaram as alegrias e os dissabores sentidos pelos judeus da Bessarábia, particularmente o da destruição de Yedinitz durante a Segunda Guerra Mundial. Meu pai era uma pessoa esclarecida que lia diariamente jornais e conhecia os problemas que, nos anos de 1930, estavam em curso na Europa.^A

A- Entre 6 de setembro de 1940, data da abdicação do Rei Carol II, até 23 de janeiro de 1941, a Romênia foi governada pelo Estado Nacional Legionário (em romeno *Statul National Legionar Roman*), regime ditatorial sustentado por um partido único dominado pela Guarda de Ferro, abertamente alinhado com a Alemanha Nazista e o Eixo, e por Ion Antonescu, líder do Exército romeno, nomeado primeiro-ministro dois dias antes da abdicação do Rei Carol II. O governo de Ion Gigurtu, formado em 4 de junho de 1940, foi o primeiro a incluir um ministro da Guarda de Ferro, Horia Sima, antisemita particularmente virulento que se tornou o líder nominal do movimento após a morte de Codreanu, um dos poucos legionários proeminentes a sobreviver à carnificina dos anos anteriores. Em 23 de novembro de 1940, Antonescu assinou o Pacto Tripartite, aderindo oficialmente ao Eixo e, em 14 de fevereiro de 1941, este governo foi abolido e substituído por uma ditadura militar chefiada pelo general Antonescu.



General Ion Antonescu ao lado de Adolf Hitler. Munique, 10 de junho de 1941. Fotografia não identificado. German Federal Archive, Alemanha. Disponível em: <https://www.sueddeutsche.de/politik/antonescu-diktatur-1940-bis-1944-rumaeniens-marschall-an-hitlers-seite-1.1437976>. Acesso em: 30 ago. 2020.

No final de 1940, chegou ao *shtetl** a notícia de que os soviéticos haviam dado um ultimato ao governo fascista de Ion Antonescu: que deixasse o solo da Bessarábia dentro de quatro horas. Sem escolha, as autoridades civis e militares romenas providenciaram suas malas para sair rapidamente da Bessarábia, onde governavam desde 1918. Na verdade, entre a saída dos romenos e a chegada dos russos, o *shtetl** permaneceu por vários dias sem qualquer órgão governamental, à espera dos acontecimentos.

Yedinitz sob o nazismo

Meu pai ficou muito feliz com o fim do governo romeno.^A Pude continuar meus estudos, de forma livre. Mas a felicidade não durou muito: não via mais as minhas amigas Fela Bronitzer e as gêmeas Frima e Ita Perlman. Suas famílias haviam sido deportadas para a Sibéria, porque os soviéticos não gostavam de gente da alta burguesia. Eles faziam parte

A- Em 1940, a Romênia perdeu grande parte do seu territórios, tanto no leste como no oeste. Em julho, após dar um ultimato à Romênia, a União Soviética conquistou a Bessarábia e Bucovina: dois terços da Bessarábia foram anexados a uma parte da URSS para formar a República Socialista Soviética Moldaviana. O resto foi conferido à República Socialista Soviética Ucraniana. Pouco depois, em 30 de agosto, pela Segunda Arbitragem de Viena (ou *Vienna Diktat*), a Alemanha e a Itália fascista forçaram a Romênia a “devolver” metade da Transilvânia à Hungria; essa questionável área historicamente húngara ficou conhecida daí em diante como Transilvânia Setentrional, em oposição à Transilvânia Meridional, que permaneceu romena. Em 7 de setembro, pelo Tratado de Craiova, o *Kadrlater* ou “Quadrilátero” (a parte meridional de Dobruja) foi cedido à Bulgária. Essas perdas territoriais estilhaçaram as bases do poder do rei Carol.

do grupo dos *Kulaks*, isto é, aqueles que gozavam de ótima situação financeira em Yedinitz. Soube, anos depois, que Frima morreu nessa região gelada.

Meu avô, preocupado com os sons de bombardeios de 1941 que já ecoavam na região, apressava-me para que voltasse para casa. A habilidade que adquiri com o tricô naqueles momentos nos foi providencial, pois nos ajudou a sobreviver quando estivemos na Transnístria, acampamento onde nós, judeus da Moldávia e Bucovina, permanecemos por três anos até o final da guerra. Graças à minha habilidade no tricô e a de minha mãe, a quem ensinei, pudemos sobreviver em Bondurovca, campo da Ucrânia. Embora a região dispusesse da lã, os moradores ao redor desconheciam a técnica de seu uso. Ao nos dispor confeccionar malhas para as famílias interessadas, conseguimos valores que nos permitiram adquirir alimentos para nossa sobrevivência em um período muito difícil.

Os russos não conseguiram terminar o trabalho começado, sendo forçados, após um ano, a sair da Bessarábia. Quando descobrimos que os oficiais soviéticos não mais estavam no *shtetl**, achamos que recomençariamos uma vida normal. Mas não foi assim: nossos pensamentos eram ilusórios. Uma triste realidade teve início: no dia da entrada dos romenos em Yedinitz, acompanhados dos alemães, teve início o projeto nazista de extermínio de todos os judeus da Bessarábia. Os romenos queriam ajustar contas começando pela cidade de Yedinitz, porque quando eles saíram cabisbaixos da cidade, os judeus e os comunistas mostraram-se alegres. Passando novamente às mãos dos romenos, ficamos com medo da revanche. Não estávamos errados, pois ao tomarmos conhecimento do início da guerra, a estação de rádio de Bucareste anunciou o evento dessa forma: “A guerra santa contra os judeus e os bolcheviques começou”. A revanche não tardou. Yedinitz foi a cidade da Bessarábia que mais sofreu e foi quase completamente destruída.

Em 1941, preocupado com os bombardeios que já atingiam Yedinitz, meu pai tomou a iniciativa de escavar uma trincheira no quintal de nossa casa, para nos esconder dos disparos. Não passou muito tempo, pesadas botas esmagaram nossa cidadezinha. O retorno dos bandidos romenos ao lado dos nazistas foi terrível. Eles chegaram pela Ponte de Yedinitz, marchando ao longo da Rua do Correio, atirando à direita e à esquerda. A primeira vítima foi Zalman Leib, *chazan* de nossa comunidade; deram um tiro na sua cabeça. O medo se estendeu por toda Yedinitz.

Ao ouvir os pesados passos dos soldados fomos ao nosso esconderijo e lá ficamos até que a calma voltasse. Mas meu cachorrinho Púfik não se acalmava; fazia de tudo para escapar e correr ao encontro dos soldados. Assim que meu pai soube da morte de Rehter [?], tomou a decisão com meu irmão de matar Púfik, enterrando-o na trincheira. Quando me contaram o acontecido, não conseguia parar de chorar; meu choro não tinha fim e nada me consolava. Minha mãe, tentando explicar, disse-me que a morte violenta de Púfik era destino; ele se tornara a vítima expiatória de meu pai e de todos os nossos parentes que vieram se esconder conosco na trincheira. Nesse momento compreendi, pela primeira vez, a situação em que nos encontrávamos. No dia seguinte, em torno das 11 horas, tiros foram ouvidos em muitas direções. De acordo com testemunhos, uma unidade da cavalaria entrara na cidade, chefiada por um oficial armado com metralhadora. Eles atiraram em direção aos quintais das casas de judeus e, horas depois, 98 judeus haviam sido assassinados. Foi uma cena terrível, as ruas ficaram cheias de corpos. Os soldados romenos corriam de casa em casa, por ordem dos oficiais nazistas, saqueando e reunindo mulheres e meninas para estuprar.

Cecília, minha mãe, queria saber se seu pai (meu avô Huna) e demais membros da família, ainda estavam vivos. Eles residiam em uma rua pouco distante da nossa. Minha mãe e eu nos vestimos com roupas comuns e fomos para lá, onde encontramos todos bem, felizmente. Entramos e, na pressa, meu pai esqueceu de fechar a porta. Pura sorte, pois o anjo bom nos protegeu. Os soldados vendo a porta aberta acharam que a casa já havia sido vistoriada pelos companheiros e sequer entraram. Foram aos vizinhos da direita e da esquerda e dali os retiraram para matá-los. Ouvimos gritos e vimos soldados correndo atrás daqueles que tentavam fugir. Ficamos quietos, escutando tudo em silêncio, calados. Nada pudemos fazer. Vimos pela fresta da porta nossos vizinhos sendo aniquilados durante a tarde inteira, até que meu tio Noah (irmão de minha mãe) chegou para ver meu avô e soube que estávamos vivos. Abraçamos meu tio, porque ele nos trouxe uma boa notícia: a chance de recomeçar a vida!

Meu tio Noah vinha do famoso seminário católico no centro da cidade, onde estudavam muitos intelectuais antissemitas. Fomos informados que todos os judeus deveriam se apresentar naquele seminário. Para isso, os romenos iam de casa em casa em busca dos judeus para encaminhá-los ao local. Levaram até minha avó. Meu pai, que se escondera a tempo, teve



Noah Acherman, irmão da mãe de Klara [Brand] Kielmanowicz. Yedinitz, c. 1940. Fotografia não identificado.

Acervo: K. Kielmanowicz/SP; Arqshoah/Leer-USP.

sorte. Naquela circunstância, minha avó nos salvou mais uma vez, porque a comissão do seminário, formada por antissemitas, determinou, aleatoriamente, quem iria ou não morrer. Meu tio nos levou para casa, pois estávamos com muito medo de sair sozinhos. Não nos preocupamos com nossa avó, pois sabíamos que eles estavam interessados em jovens e adultos destinados aos trabalhos forçados.

Crueldade, agressão, ofensas e humilhações ocorreram com os judeus nos sete dias da ocupação romeno-nazista. Eles nos atacavam usando facões de açougueiro, machados, foices, barras e paus, competindo uns com os outros para ver quem seria capaz de matar o maior número de judeus. Durante três dias e três noites gritos de terror ecoaram pela cidade de Yedinitz. Após a matança, ouviu-se um toque de recolher, anunciando que o *pogrom** havia

terminado. Era 4 de julho de 1941, uma sexta-feira. Todos os corpos assassinados em Yedinitz foram recolhidos e enterrados em três valas comuns por judeus, incumbidos desta tarefa. Depois, eles mesmos foram também baleados. Assistimos a cenas terríveis. Alguns coveiros (*buriers*) encontraram seus próprios pais entre os mortos; outros, seus irmãos, familiares e amigos. Os assassinatos, os roubos, os estupros e as prisões aumentavam dia a dia.

Sáímos do esconderijo e voltamos para casa. Tudo estava destruído. A bicicleta de meu irmão havia sido levada por um vizinho que nos disse que a pegara emprestado e iria devolvê-la. Em meio a esse quadro, pairava o pressentimento de que algo ainda pior estava por acontecer.

Assim que os nazistas entraram na cidade, os soldados romenos, acompanhados dos alemães, irromperam nas casas de todos os judeus. A ordem era para que deixássemos nossas casas imediatamente, levando apenas alguma coisa conosco: somente o mais necessário. Lembro-me muito bem de que o almoço estava servido na mesa. Apanhamos depressa qualquer coisa que nos caía nas mãos e saímos. Isso aconteceu no final de julho de 1941.

Para onde iríamos? Por que nós, judeus? Ninguém sabia e ninguém perguntava. As ordens eram claras: deveríamos deixar Yedinitz. Recordo-me de ver meu pai preocupado, sentado



Judeus deportados da Bessarábia (Romênia), 1941. Fotografia não identificado. Disponível em: <http://holocausto-doc.blogspot.com.br/2014/06/o-holocausto-na-transnistria-excertos-de-ioanid-romenia.html>. Acesso em: 30 ago. 2020.

no chão, pois as cadeiras haviam sido roubadas, organizando os preparativos para a jornada. Imaginando um longo percurso, improvisou mochilas para que cada um de nós carregasse o máximo de roupas e utilidades possível. Mas, numa hora dessas, sequer sabíamos o que poderia ou não ser útil.

Os nazistas e os romenos destruíram a cidade de Yedinitz.

Quatro forcas ficaram por longo

tempo balançando na casa de um de seus moradores: eram os corpos de uma jovem mãe com suas meninas, esposa e filhas de David Mutzelmaher. Elas foram torturadas e violadas a noite inteira, na frente do pai. A família era uma das mais queridas de Yedinitz; suas crianças haviam recebido uma verdadeira educação judaica, todos falavam o hebraico e estavam se preparando para fazer *aliá**; iriam viver em Eretz Israel. A mais nova, Blimeleh (*z'l*), de 10 anos, era minha amiga. Seu pai, David, enforcou as filhas e a mulher e, em seguida, atirou-se em um poço.

Yekl e Sura Zilberman, primos de meus pais, Ester e Ise, meus primos, abrigaram-se conosco. A primeira vítima da família foi Ise, filho único do tio Yekl. Sua mãe desesperada não podia chorar, pois os perpetradores poderiam perceber a sua tristeza. A segunda vítima foi o noivo de Ester Kutzi de Karpach, meu primo, filho da tia Etel, casada com Berl Abuliak. Outros parentes pereceram mais tarde na Transnístria, como a tia Tzivia, Velvel e seus filhos, e a tia Lea e Leib Teperman com toda a família. Eles vieram das aldeias de Yedinitz para ficar conosco na trincheira e juntos fomos para o campo de Transnístria. Nenhuma lembrança ficou deles.

O processo de ocupação da Bessarábia não durou mais do que duas semanas sob a supervisão da *Wehrmacht* e dos *Einsatzgruppen*, unidades especiais sob a autoridade de

Himmler que tinham por finalidade exterminar judeus e comunistas: era a *Solução Final*, aplicada na região. Víamos os filhos dos ucranianos indo alegremente até as escolas. Intrigada com essa situação, me perguntava: “Por que nós, filhos de judeus, *não podíamos ir também?*” Fomos transformados em mendigos obrigando-nos a esmolar por um pedaço de pão. Quem



Expulsão de judeus das sinagogas de Yedinitz em pleno inverno, s.d. Fotografia não identificado. Yad Vashem Photo Archives, Israel.



Oficiais nazistas e romenos expulsam os judeus de Yedinitz, 1941.

Fotógrafo não identificado. Yad Vashem Photo Archives, Israel.

tivesse sorte de encontrar um não judeu da nossa cidadezinha, recebia um pedaço de pão ou um pouco de sopa servida em uma mesma tigela usada para alimentar seus porcos. Mas era diferente quando nos defrontávamos com um indivíduo de má índole; ele nos afugentava a bengaladas, do mesmo modo que afugentava cães.

Os romenos governaram o *shtetl** por 22 anos, em regime de terror e medo, corrupção, suborno, de repressão e prisões arbitrárias. As pessoas de uma maneira ou outra haviam se acostumado com o regime, porque mantinham seus negócios e ganhavam o sustento. Podia-se “viver”, apesar da repressão e terror, sendo expressivo o distanciamento entre os ricos e os pobres, artesãos e

comerciantes, arrendatários e donos de bancos. A vida comunitária continuava organizada e várias “comissões” cuidavam das necessidades comunitárias, oferecendo apoio aos necessitados em tempos de carência. Havia várias escolas judaicas, um *cheder** e um ginásio. Prevalencia uma intensa vida judaica, inclusive com partidos sionistas e organizações juvenis – os *chalutzim*. Havia também comunistas e círculos esquerdistas que causavam problemas não só para si, mas muitas vezes para a população do *shtetl**.

Anualmente, quando o primeiro dia de maio se aproximava, o governo realizava prisões entre os comunistas e, por um longo período, o *shtetl** ficava em estado de medo e terror. Mas havia sempre esperanças da “verdadeira liberdade e igualdade”. Uma onda de alegria tomou conta de todos, especialmente dos que se preparavam para viver no regime soviético. Afinal de contas, eles tinham sofrido e finalmente havia chegado a “grande hora”: a vitória do exército soviético na Bessarábia. Horas depois, após a chegada dos militares russos, um anúncio: todos os residentes teriam que se reunir no dia seguinte na *trovitze* (praça) para ouvir o que os libertadores tinham a dizer. Na assembleia, da qual participaram milhares de judeus, um oficial russo dirigiu-se à população e declarou em iídiche* e russo: “Nós viemos para libertá-los da opressão romena. A partir de agora vocês serão livres”.^A

No verão de 1941, meus pais, meu irmão e eu continuamos morando em Yedinitz. Eu era ainda uma criança, mas as lembranças daquele período ficaram para sempre em minha memória. Minha grande e querida amiga era Mara Wainshenker, que estudava na cidade de Iash, onde aconteceu um *pogrom**. Sua família estava financeiramente bem, pois sua mãe mantinha uma grande loja, onde vendia os produtos que confeccionava e onde costumávamos fazer compras. Voltamos a conviver juntas desfrutando de nossa amizade em S. Paulo, convivência registrada nas nossas fotografias. Mara casou-se com Túlio Meiller, e nossa amizade durou a vida toda até o seu falecimento.

A- A multidão não tinha nenhuma maneira de saber o que esperar do regime dos libertadores. Novos governantes foram nomeados e, inicialmente, trazidos todos os comunistas e simpatizantes que viviam na localidade. Depois, trouxeram os altos funcionários. Em pouco tempo sentimos escassez de alimentos, situação visível pelas longas filas em frente dos armazéns. Pão e outros artigos alimentícios eram suficientes somente para atender uma pequena porcentagem dessas pessoas. A estrutura econômica e as condições de vida dos judeus sob regime soviético mudaram completamente. A atividade comercial foi paralisada e alguns comerciantes levados à Sibéria. Suas lojas foram transformadas em cooperativas e seus proprietários tornaram-se empregados. Era difícil conseguir trabalho, pois na obrigatória “autobiografia”, o sionista era prejudicado. Vivíamos com medo, porque ninguém sabia como a situação iria se desenvolver. As escolas foram reabertas. As línguas oficiais eram o russo, o iídiche* e o moldavo. O hebraico, é claro, foi desativado. Atividades culturais eram programadas nos clubes diariamente frequentados pela juventude. Os casamentos eram, na maioria das vezes, realizados em segredo. Casas com mais de 400 metros quadrados foram requisitadas e “nacionalizadas”, como a casa do meu tio Noah que foi ocupada pelo exército soviético, sendo os proprietários expulsos de suas casas. Os desalojados não sabiam para onde ir.

O *pogrom* de Iash

Na bonita cidade de Iash viveram 45 mil judeus, muitos deles bem situados do ponto de vista social e econômico. De 1939 a 1945, o governo da Romênia posicionou-se como aliado da Alemanha Nazista, endossando a política antissemita liderada por Adolf Hitler, então chanceler do *Reich*. Durante o período em que os judeus da Bessarábia e Bucovina eram encaminhados para Transnístria, o ditador romeno Antonescu ordenou em 27 de junho de 1941 ao coronel Constantin Lupu, comandante da guarnição, para “limpar Iash de sua população judaica”. No mesmo dia da emissão da ordem, autoridades locais, “acusando a comunidade de Iash de sabotagem”, reuniram soldados e policiais que lideraram o ataque. Além dos policiais de Iash, os participantes da caçada humana eram populares que apoiavam o movimento antissemita de Lupu, entre os quais, estudantes, funcionários mal pagos, trabalhadores ferroviários, artesãos concorrentes dos judeus, aposentados e veteranos militares. Todos foram partícipes do *pogrom** ou dos terríveis acontecimentos da noite de 28 de junho. Decidiram também confinar mais de cem pessoas em dois vagões de trem, que viajaram por oito dias até chegarem a um campo. Segundo relatório, a maioria dos judeus morreu de sede, sufocação e fome.^A A comunidade judaica identificou 15 mil vítimas. Assim que os romenos voltaram com as tropas nazistas que assaltaram Yedinitz, Mara perdeu seu irmão de 23 anos.

A- Na contagem oficial, as autoridades romenas informaram que dos 1.900 judeus que embarcaram “somente” 1.194 morreram. O número real de vítimas do *pogrom** de Iash é desconhecido. O massacre foi um dos mais violentos da história, lançado por forças governamentais romenas contra a população judaica, resultando no assassinato de pelo menos 13.266 vítimas. Cf. *This month in Holocaust History*, Yad Vashem. Reproduzido de http://www.yadvashem.org/yv/en/exhibitions/this_month/june/07.asp.



Prisão de judeus por soldados romenos e alemães durante o *pogrom** de Iash, 28 de junho de 1941. Fotografia não identificado. Yad Vashem Photo Archives 1214/2, Israel.



*Pogrom** de Iash, 28 de junho de 1941.
Fotógrafo não identificado.
Yad Vashem Photo Archives 1214/2, Israel.

A expulsão dos judeus de Yedinitz

O dia estava bonito e ensolarado, nunca esqueci. Deixamos a comida no fogão, as portas abertas e nos preparamos para levar o mínimo necessário. Em poucos minutos abandonamos nossos lares. Soldados ferozes nos expulsaram de casa, gritando para que não olhássemos para trás. Eu, uma criança com apenas 10 anos, não entendia o porquê daquilo e nem imaginava para onde nos levavam. Os idosos, os doentes e os impossibilitados de andar, eram transportados em carroças que nunca chegaram a seu destino. Tínhamos, felizmente, uma carroça, onde meu pai colocou nossas mochilas e minha avó que, não podendo andar, sentou-se em cima delas. Meu pai e meu irmão puxaram a carroça, e eu e minha mãe ajudamos, empurrando pela parte de trás. Durante nossa saída, percebemos que os judeus das cidades vizinhas se dirigiam para a nossa Yedinitz. A estratégia de aniquilamento nesse Holocausto desconhecido consistia exatamente no deslocamento contínuo dos judeus de uma cidade para outra. Meu pai, aos poucos, tirava coisas de dentro das mochilas, trocando-as por água e alimentos: pão, batatas, farinha.

A marcha para a Transnístria

Em Yedinitz, vi toda a população sendo encaminhada para a região da Transnístria. O comando romeno selecionava os homens mais jovens, fortes e saudáveis e os enviava para os trabalhos forçados. Quando esse grupo retornou para a cidade nada mais encontraram, pois já estávamos a caminho de Transnístria. De comum acordo com os soldados nazistas, os romenos exigiram que saíssemos da cidade. Nossa preocupação era conduzir minha avó Tuba, uma senhora bastante idosa. Comumente, os nazistas fuzilavam, diante dos nossos olhos, os idosos e doentes que não conseguiam caminhar. Saindo de casa, atravessamos o Rio Dniester que banhava a cidade, chegamos a Mogilev e depois a Vertugen, cidade sem judeus, pois estes também haviam sido deslocados para outras cidades. Entramos em uma moradia vazia e ali permanecemos por algum tempo. Estávamos extenuados, com fome e sede, apesar de estarmos próximos aos poços que não devíamos utilizar porque diziam que



Deportações romenas para Transnístria, 1941-1942. United States Holocaust Memorial Museum, Washington, DC. Disponível em: http://www.ushmm.org/wlc/en/media_nm.php?MediaId=2345.

Acesso em: 20 ago. 2016.

a água estava contaminada. Enquanto isso, os alemães divertiam-se matando. Começamos a caminhada: primeiros passos de um suplício interminável que visava aniquilar-nos pela exaustão e sofrimento. Uma execução lenta e sádica. Na realidade, um assassinato, sem sentença e sem armas. Uma diabólica forma de gradativo extermínio em que os assassinos, hipócritas e covardes, não assumiam o golpe mortal.



Judeus aguardando barcos à margem do Rio Dniester, setembro de 1941. Fotografia não identificada.
Disponível em: <http://moshav.blogspot.com.br/2012/05/destruicao-dos-judeus-da-romenia-ii.html>. Acesso em: 20 ago. 2016.

Milhares de judeus foram sendo massacrados e arrebanhados em guetos e, mais tarde, deportados para a região entre o Dniester e os rios Bug, onde hoje é a Ucrânia. Dessa região foram deportados 118.847 judeus oriundos da Bessarábia, Bucovina e do distrito de Dorohoi. Em 16 de outubro de 1941, o exército romeno ocupou Odessa e, dias depois, promoveu uma terrível matança da população judaica no porto daquela cidade, com mais de 19 mil mortos. Outros 30 mil foram deportados para Dalnic ou foram mortos a tiro ou queimados vivos. Em novembro de 1941, a maioria dos judeus da Bessarábia estava vivendo em guetos e

campos transitórios no norte e na Transnístria central, atual República da Moldávia. Nós estávamos entre essa população que foi arrancada de suas casas ao anoitecer sob o rufar de tambores e gritos nas ruas. Essa longa e soturna coluna humana era patrulhada e conduzida por soldados romenos e nazistas distribuídos em jipes, portando metralhadoras, matando a torto e a direito quem tentasse sair da fila. Meu avô Huna não teve forças para prosseguir. Alquebrado pela febre, deixou-se ficar e morrer ali mesmo, fora de sua casa. Minha mãe esforçou-se ao máximo para que ele reunisse forças e nos acompanhasse. Foi em vão. Continuamos, sem saber para onde nos levavam.

Após um dia inteiro de marcha, pernoitamos no estábulo de uma pequena aldeia situada à margem do Dniester. No dia seguinte, na manhã de 16 de setembro, retomamos a caminhada que nunca chegava ao fim. A coluna humana diminuía de tamanho pelos que tombavam no percurso e não tinham mais energia para se erguer e caminhar. O calor era insuportável e não tínhamos alternativa senão andar, andar sempre, sem parar. O suor

escorria pelos nossos rostos, misturando-se com as lágrimas amargas de cada um de nós, judeus, não cidadãos. A força que nos empurrava era a vontade de sobreviver.

Meus pais, meu irmão e eu não nos separávamos, porque havia o perigo de nunca mais nos encontrarmos. As marchas recomeçavam, cada vez com menos pessoas. Nossos mortos ficavam pelo caminho e já nem sabíamos quem estava melhor: nós ou eles. Espalhados por muitas cidades ucranianas ocupadas pelos romenos, menos da metade dos que haviam iniciado, prosseguiu na caminhada.

No dia 11 de setembro de 1941, cada vez mais fracos e combalidos, recomeçamos a marcha em direção ao Rio Dniester, fronteira natural entre a Ucrânia e a Bessarábia. Parecia ser mais uma daquelas caminhadas torturantes, programadas para nos debilitar e nos extinguir pelo cansaço e doença. Não sabíamos o motivo da Transnístria ter sido escolhida para ser o palco da Solução Final dos judeus da Bessarábia e da Bucovina. Caminhamos por mais dois dias, pernoitando nos campos, sempre nas proximidades de um riacho ou lago. A essa altura, todas as famílias tinham sido separadas. Por sorte, a nossa permaneceu unida. Juntos, nos cobrimos com um pequeno cobertor.

Dois dias depois, chegamos a uma floresta próxima de uma aldeia, de nome Cassauti, centro militar de importância estratégica, onde os russos haviam resistido por vários dias aos ataques nazistas. Em dado momento, percebemos que alguns soldados romenos nos olhavam, mostrando interesse por nossas mochilas. Um deles pegou uma, justamente a que eu guardava as fotografias da família, da infância e da minha escola. Meu pai correu atrás do soldado, que quase o matou. Minha mãe gritava, chamando-o: “Itzik, Itzik volta, volta pelo amor de D’us!”. Ele voltou sem a mochila. Chorei bastante a perda de pequenos objetos e antigas fotografias. É por isso que hoje não as tenho para colocar neste livro.

Perambulamos dia e noite, noite e dia. Eles davam ordens para sentarmos. Mas assim que sentávamos, berravam de forma selvagem para que levantássemos. Muitos infelizes caíam exaustos por terra e assim ficavam abandonados nas estradas. Ninguém se virava para trás. Os vivos invejavam os mortos, para quem os sofrimentos chegavam ao fim. Assim, nos levaram para Otak e, de lá, atravessamos o Dniester, chegando a Mogilev e daí alcançamos o campo de Skazinetz. Nesse campo, fizeram-nos entrar à força numa caserna onde o exército nazista aquartelava os cavalos. Permanecemos neste local até final de setembro de 1941. Huna, meu



Huna Ackerman, conhecido como Huna Einechs (o filho de Einech), avô de Klara Brand. Faleceu durante a “marcha” no caminho de Transnístria. Yedinitz, c. 1940. Fotógrafo não identificado. Acervo: K. Kielmanowicz/SP; Arqshoah/Leer-USP.

avô, e sua nova esposa Hinie Ackerman, ficaram no caminho, antes de chegarmos a Vertugen. Eles sequer foram sepultados, sem direito a uma lápide. Nesse campo fomos arremessados em casas bombardeadas, sem portas e janelas.

Os homens eram levados à força para os campos de trabalho. Lembro-me exatamente de quando meu pai e meu irmão de 12 anos foram selecionados para executarem trabalhos forçados. Os soldados que os conduziam, espancavam aqueles que tentassem fugir ou se esconder. Não havia comida. Ao atravessar o Rio Dniester que passava pela cidade, havia uma única escolha: nos atirmos em suas águas. Muitos até fizeram isso, como Yani, meu professor que, desesperado pela morte de toda sua família, assim procedeu, sem esperanças. Outros não tiveram a mesma coragem. Não sabíamos o que nos esperava e o que ainda deveríamos suportar e aguentar. Vivíamos, dia a

dia, nossas amarguras e preocupações. E, foi ela, minha avó, que nos salvou da morte, em acontecimento que depois contarei.

Em Vertugen, ocorreu uma radical mudança na orientação nazista. Para acelerar o aniquilamento físico e moral dos judeus, ordenaram que as famílias, até então unidas no infortúnio, se separassem. O Rio Dniester seria a linha divisória dos dois grupos, um em cada margem. Para nossa felicidade, conseguimos permanecer juntos: meus pais, meu irmão, eu e minha avó Tuba. Os demais tios, primos e outros membros da família foram para a outra margem do rio. O objetivo estratégico dos nazistas era misturar os judeus, dividindo-os e enfraquecendo-os, e dessa forma tornando-os mais vulneráveis para facilmente dominá-los, sem problemas.

Antes, estávamos com os tios Itzik e Esther Zilberman e meus primos Dukele e Surele que tinham a minha idade e do meu irmão. Despedimo-nos de nossos tios e primos com votos de nos encontrarmos depois em Yedinitz. Nunca mais os vimos. Foram mandados a Resine, e de lá não restou testemunho algum. No fim de outubro e começo de novembro de 1941 mandaram-nos a pé até a Ucrânia, via Yampol e Bershad. Lá encontramos somente os tios Yossl e Leike Siag, porque meu tio-avô Mendel Ackerman ficou na cidade de Bershad. Teve morte trágica: morreu no mesmo lugar, esmolando um pedaço de pão com um pratinho na mão.

Levaram-nos para mais longe ainda até chegarmos ao campo de Bondurovka onde vivenciamos uma nova situação. Nos obrigaram a morar nos *kolhozes* destruídos, onde antes ficavam os porcos. O quadro era assustador e, se alguém tentasse escapar, encontrava a morte. Nesta interminável caminhada, longos escalões estendiam-se marchando ao lado de judeus de todas as cidadezinhas e aldeias da Bessarábia; mudos no caminho, carregávamos embrulhos, sem saber nosso destino. Os soldados nazistas que nos acompanhavam faziam conosco o que lhes vinha à cabeça: atiravam, violentavam as mulheres e saqueavam nossa pequena bagagem. Divertiam-se por conta de nossa infelicidade. Quando chegávamos a uma fonte de água, os perpetradores não deixavam ninguém se aproximar para beber e matar a sede. Eles nos afugentavam com seus rifles, como se fôssemos animais. Aqueles que ainda possuíam algum objeto de valor, um relógio de ouro, por exemplo, trocavam-no por um pouco de água. Muitos morreram debilitados pela falta de água.

Na caminhada até Transnístria passamos por Bershad, uma grande sinagoga. Esperançosos, resolvemos entrar em busca de um abrigo. Estávamos em meados de outubro. Bershad, que antes da guerra abrigara uma comunidade judaica em torno de oito mil pessoas, fora escolhida para concentrar os 65 mil judeus procedentes de várias cidades da Bessarábia. Entramos e saímos logo da sinagoga; lá estavam muitos doentes e outros debilitados que acabaram perecendo. Diante de nossos olhos, um quadro terrificante: vivos, misturando-se com mortos, pais pranteando amargamente sobre os corpos dos filhos, filhos debulhando-se em pranto sobre os corpos de seus finados pais. Imagino que ninguém saiu de lá vivo. Por quê? Continuava a me

perguntar. Meu raciocínio de criança não podia dar resposta a essa pergunta: que crime cometemos nós, judeus? Qual pecado havíamos cometido para sermos tão martirizados!^A

Os Brand nos campos da Transnístria

O destino nos havia colocado entre os judeus da Bessarábia que não foram enviados para os fornos crematórios da Polônia. Muitos daqueles que passaram pela terrível caminhada não puderam suportar as condições desumanas de vida: o forte frio do terrível inverno ucraniano, a fome e o desalento causavam sofrimentos sem fim. A falta de cuidados conduziu às fortes epidemias de tifo. Nenhum de nós escapou do tifo abdominal. Não existindo medicamentos, nada nos restava a não ser esperar pela morte. Nestas condições, os nazistas levaram à força nossos homens ao trabalho. Meu pai, que estava com 40 graus de febre e não podia se manter em pé, foi forçado a ir. Minha mãe pediu que meu irmão de 12 anos ocupasse o lugar de meu pai. Os soldados espancaram-na e levaram também meu irmão. Ficamos muitos meses sem saber deles, até que um dia, sem que os alemães percebessem, eles conseguiram fugir e retornar até nós, por pura sorte do destino.

O inverno de 1942 foi assustador. A mortalidade atingira altas proporções e matara mais da metade dos judeus do campo. Alguns morreram congelados e muitos perderam os dedos dos pés devido ao frio insuportável. A neve profunda cobria tudo. Eu mesma fiquei doente e não podia caminhar.

A- Sobre as crianças órfãs da Transnístria, ver os livros: *Jewish Children in Transnistria* (hebraico), pelo Dr. Shmuel ben Zion, de The Open University, Tel Aviv, e do Instituto de Estudos do Holocausto da Universidade de Haifa; *Transnistria*, de Dora Litani (romeno); e *The Silent Holocaust: Romania and its Jews*, por I. C. Butnaru. Cf. <http://www.nizkor.org/hweb/people/c/carmelly-felicia/jewish-orphans.html>.

Meu pai me carregava nos ombros. Dia a dia os mortos eram levados para fora do campo sem direito a qualquer ritual de sepultamento digno. A terra era dura e não podíamos escavar. Buracos eram feitos com dificuldades e, na medida do possível, depositávamos os corpos, cobrindo-os com neve. Quando a primavera chegava, os corpos apareciam sob a neve derretida. Novamente, explodiu uma horripilante epidemia de tifo, e mais uma vez muitos morreram. Nunca esquecerei o que nos aconteceu até o último respiro. Mais de 70% de nossos queridos não voltaram para suas casas. As estepes, as florestas, as campinas ucranianas absorveram os ossos dos nossos parentes e amigos.

Há quem ache que os sobreviventes dos campos de concentração foram os mais fortes. A morte não escolheu o mais forte ou o mais fraco, o corajoso ou o covarde. Quem sobreviveu foi escolhido pelo destino para eternizar a memória dos que não estão mais entre nós. Minha habilidade com o tricô que aprendera com tia Reize nos salvou, porque os ucranianos, ainda que tivessem muita lã, não sabiam utilizá-la. Ao me verem usando uma malha de



Oficiais nazistas diante do Hotel Elita em Bucareste Romênia, 1942.
Fotografia de Nico So. Photo História. Acervo: Arqshoah/Leer-USP.

tricô, pediram-me que lhes fizesse uma. Nos ofereceram a lã e, por sorte, consegui tricotar um agasalho com a ajuda da minha mãe. Desta forma, ganhamos com o trabalho que nos garantiu um espaço para morar. Os ucranianos nos pagavam com alimentos. Com isso, a dor foi amenizada, sobretudo porque meu pai e meu irmão arriscavam-se trazendo lenha para suportarmos o frio intenso.

Em 13 de outubro de 1942, os romenos pediram a suspensão das deportações para Transnístria. O inverno de 1941/42 foi muito forte, levando à morte outras dezenas de milhares de deportados. Até março de 1943, 485 judeus ucranianos foram deixados na região sul da Transilvânia. Finalmente, com a aproximação do exército soviético na Transnístria, foi dada a permissão para retornarmos às nossas casas. Em meados de dezembro de 1943, um primeiro grupo de 1.500 sobreviventes retornou. Em 15 de março do ano seguinte, o exército soviético anunciou a liberação dos prisioneiros na Transnístria. Do total de 150 mil deportados, 90 mil pereceram.

Notícias chegavam, algumas boas, provenientes das frentes de batalha. Vivíamos, literalmente, esperançosos de que seríamos liberados. À medida que o Exército Vermelho liberava uma cidade e, em seguida, outra, festejávamos, mesmo sabendo que corríamos o perigo de morte, a cada minuto. Silenciosamente, murmurávamos que “o inocente sangue derramado dos judeus não descansará, e sobreviveremos até a hora da libertação”. Três anos se passaram, tempo que pareceu uma eternidade. Finalmente, em março de 1944, nosso infortúnio acabou.

O retorno a Yedinitz

Em fins de março de 1944, nós, os sobreviventes do campo de Bondurovka, fomos libertados. O conflito estava terminado. Apesar da tristeza pela perda de tanta gente, de nossos parentes e amigos, tomamos a decisão de seguir a vida. Retornamos a pé até as nossas casas em Yedinitz. Assim que chegamos, um quadro pavoroso da tragédia se apresentou: somente uma pequena parte, cerca de 30% dos judeus de Yedinitz, sobreviveram ao inferno instalado na Transnístria. Ocupamos na cidade a casa do tio Itzik Zilberman, em melhor condição que a nossa.



Klara Brand durante o regime soviético. Iash, 1946.
Fotógrafo não identificado. Acervo: K. Kielmanowicz/SP;
Arqshoah/Leer-USP.

Em Yedinitz percebemos que viveríamos com escassez, em especial, quando víamos os russos comprarem tudo o que encontravam. Sob o domínio soviético, eles nada tinham. Meu pai havia se transformado em um bombeiro, e minha mãe cozinhava ovos e assava bolos, que eram comprados pelos soldados que voltavam da guerra. Os alimentos eram colocados no alpendre da varanda na casa que ocupávamos em Yedinitz, cidade que sofrera muito com o revanchismo romeno. O tempo passava e, lentamente, nos acomodávamos ao regime soviético. Meu pai, contudo, preocupado com o meu irmão que seria chamado para servir o exército soviético, mostrava-se apreensivo. Foi quando tomou uma decisão: sair da nossa querida cidade.

Terminada a guerra, os aliados permitiam aos refugiados judeus passagem para outras regiões. Em 1946, juntando as poucas coisas que tínhamos, fomos para Tchernovitz e, depois, chegamos a Iash, onde permanecemos durante um ano. Meu pai, homem corajoso e esperto, pensando na sobrevivência da família, resolveu confeccionar bonés, peça bastante procurada pela população de Iash e arredores. Nesse período, a escassez de tecido levou meu pai a comprar bonés usados e, virando-os pelo avesso, produzia novos e os revendia. Minha mãe costurava e eu a ajudava fazendo as abas; meu pai e meu irmão vendiam os bonés como água. Pouco a pouco, a vida retomou a normalidade.

Com o firme propósito de emigrar, saímos de Iash e fomos para Bucareste, onde atravessamos a fronteira com a Hungria. Por azar, fomos presos. Após dois dias, nos soltaram graças à nossa condição de refugiados. Decidimos ir para Viena, instalando-nos nas escadas do Hospital Rothschild, estando de passagem para Landsberg, cidade alemã onde muitos sobreviventes haviam se estabelecido. Meu pai conseguiu um local, um sótão, onde passamos a viver. Ajudado por meu irmão, ele resolveu vender *bêigales*, populares roscas da culinária judaica. Através da ORT (uma escola americana), consegui conhecimentos de “corte e costura”. Nesse período, recebíamos pacotes de alimentos por sermos sobreviventes ou deslocados de guerra. Eu conseguia um pacote adicional ou cota extra, porque meus cadernos eram bastante caprichados.

Álbum de fotografias de Klara

Acervo: K. Kielmanowicz/SP; Arqshoah/Leer-USP.



Os irmãos David e Klara Brand.
Iash, 1947.



Klara Brand e sua prima Reise
Ackerman (à frente) que a
acompanhou no campo de
Transnístria. Yedinitz, 1946.



Klara Brand, com uniforme escolar,
acompanhada de seus pais após a guerra.
Iash, 1946.

Klara Kielmanowicz



Klara Brand com vestimentas à moda russa,
sob o regime soviético.
Yedinitz, 1946.

Da Bessarábia ao Brasil

Após a guerra, ao voltar a Yedinitz, retomei a amizade com Mara. Éramos jovens e a vida voltava ao normal, apesar dos traumas e dos impactos causados pelo Holocausto que mostrou uma face terrível da humanidade. Em Iash, Mara e eu passeávamos com nossos amigos perto de um parque “strand”, onde nos divertíamos dançando. Lembro-me de que calçávamos botas compridas como as russas e andávamos pelas ruas, falando o idioma, chamando a atenção das pessoas que se viravam para nos olhar: a maioria dos romenos desconhecia o russo. Ríamos muito de nossas brincadeiras.

Meus pais, poucos anos após a guerra, decidiram sair da Europa. A opção de emigrar para Israel foi deixada de lado em Landsberg (Alemanha), pois tínhamos família nos Estados Unidos e no Brasil. Saímos de Munique e fomos para Paris, onde conseguimos das autoridades aliadas documentos que nos identificavam como refugiados. Decidimos pelo Brasil por termos condições de recebermos as *Cartas de Chamada*, visto que a entrada



Klara, Cecília e Itzik Brand (à direita), comemoram a criação do Estado de Israel. Landsberg, Alemanha, 1948. Fotografia não identificado.

Acervo: K. Kielmanowicz/SP; Arqshoah/Leer-USP.

nos Estados Unidos dependia da liberação de cotas. O mesmo aconteceu com os pais de Mara. Permanecemos em Paris por três semanas à espera de uma embarcação para o Brasil. Em setembro de 1948, partimos do porto de Marseille a bordo do navio Karguelem. No mesmo ano, um amigo querido chamado Zigo David, não conseguindo visto de entrada para o Brasil, decidiu emigrar para Israel, Estado sancionado pela ONU, em terras do Oriente Médio, em 1948.

Durante o percurso da viagem passei mal, pois era a primeira vez que embarcava em viagem marítima. Minha mãe, preocupada, procurou o capitão para uma consulta médica. O capitão – identificando-me como “a que dançava nos salões do navio” – tranquilizou minha mãe, informando-a que chegaríamos bem. A viagem prosseguiu em direção ao Atlântico Sul. Após dezoitos dias chegamos ao porto de Santos, onde fomos recepcionados pelas famílias de nossos tios: Felipe, Einech, Jacob e Joseph Acherman, Uma nova vida começava para todos nós.



Família Brand quando chegou ao Brasil: Itzik e Cecília Brand (à frente) e seus filhos Klara e David Brand (em segundo plano). S. Paulo, 14 de outubro de 1948. Fotografia não identificada. Acervo: K. Kielmanowicz/SP; Arqshoah/Leer-USP.

O recomeço em S. Paulo

Para nos receber em S. Paulo, meus tios prepararam um apartamento na Rua Lisboa, no atual bairro de Cerqueira César, onde ficamos hospedados por algum tempo. Assim que nos instalamos eles nos ofereceram a ajuda que necessitávamos, razão pela qual lhes somos eternamente gratos. Meu tio Felipe, preocupado com a minha adaptação no Brasil, contratou uma professora para ensinar-me português, idioma que eu desconhecia, mas que percebia ter certa semelhança com o romeno, língua também de origem latina. De imediato identificamos outras conhecidas famílias de Yedinitz que, assim como nós, optaram por radicar-se na cidade de S. Paulo, entre os quais, os Ackerboim, os Fuks e os Meiller. Em abril de 1949, comemoramos nossa primeira festa de *Pessach** no Brasil reunidos com nossos amigos da família Acherman.

Em busca da sobrevivência, meu pai não manifestou interesse em trabalhar como *clientelchik** ou prestamista, profissão comum dos imigrantes judeus em diversas cidades brasileiras. Resolveu dar prosseguimento ao trabalho iniciado logo após a guerra: comprou uma peça de tecido e, aproveitando minha habilidade na costura, passamos a confeccionar peças do vestiário



Itzik e Cecília Brand, pais de Klara, comemorando a chegada ao Brasil.

S. Paulo, 1948. Fotografia não identificado.

Acervo: K. Kielmanowicz/SP; Arqshoah/Leer-USP.

feminino e, mais especificamente, a saia modelo “godê guarda-chuva”. Sensível, percebi que este modelo apresentava possibilidades de venda pois era artigo de moda nos anos de 1950.



Famílias Brand e Acherman comemorando a festa de *Pessach**. A partir da esquerda: Noah e Esther Acherman (tios de Klara), Itzik, Klara, David e Cecília Brand (sentada à direita), Esther e Felipe Acherman. S. Paulo, abril de 1949.

Fotógrafo não identificado. Acervo: K. Kielmanowicz/SP; Arqshoah/Leer-USP.

Comecei fazendo moldes das saias produzidas no esquema: meu pai cortava o tecido, utilizando meus moldes; minha mãe costurava e eu a ajudava, cozendo as barras das peças. Depois de prontas, meu pai e meu irmão iam vendê-las nas feiras, comuns nos bairros da cidade de S. Paulo. Meu pai e meu irmão as vendiam bem e à vista, permitindo que o valor investido retornasse de forma imediata, acelerando o projeto de abriremos uma pequena empresa. Aos poucos, compramos máquinas de costura, para surpresa de nossos parentes. As saias eram vendidas como “água”, ou seja, com aceitação e retorno rápidos para nós. A aceleração das vendas nos levou a instalar um ponto comercial no Bom Retiro, bairro que, desde o início do século XX, concentrava um grande número de imigrantes e refugiados judeus em S. Paulo.

Ao mesmo tempo, eu despontava como uma moça em idade de casar pois, afinal, eu estava com 19 anos. Na comunidade judaica é muito comum os pais se preocuparem com o casamento de seus filhos. As *shadhunem* (casamenteiras) começaram a aparecer em

casa, sugerindo para mim nomes de pretendentes para uma possível união. Tais visitas e sugestões me incomodavam a ponto de me esconder no quarto. Não gostava desse tipo de apresentação, porque me sentia um “objeto”. Os primos de minha mãe, Josef e Malvina Groberman, vieram nos visitar. Chegaram acompanhados de Rosa, uma moça da minha idade que namorava Pierre Scarbrink, residente no Rio de Janeiro. Rosa tornou-se minha amiga e companheira para um cinema ou um baile, sempre acompanhadas do meu irmão David. Ao noivar, Rosa nos convidou para a cerimônia festiva de compromisso. Na festa, David Kielmanowicz, amigo e convidado de Pierre, sentou-se em nossa mesa, junto de um casal. Saindo da festa, David acompanhou-me, como era costume nos “velhos tempos”. A partir daí, passamos a sair e a nos conhecer melhor. Amigos comuns incentivavam nosso namoro. Nós nos encontrávamos para dançar no Círculo Israelita, conhecido clube recreativo da comunidade, situado no centro da cidade, nas proximidades do antigo Mappin e do Teatro Municipal.

Percebendo meu crescente interesse por David, meu pai convidou-o para nos visitar e conhecê-lo melhor. Em busca de informações, ligou para nossos parentes no Rio de Janeiro. Preocupada, disse aos meus pais que o Rio não era Yedinitz, onde todos se conheciam. Não adiantou. Meu pai conseguiu informar-se com o tio Jacob Zilberman, que lhe disse ser David “um bom partido”. Desejou-nos *Mazal Tov**, expressão em hebraico empregada para desejar boa sorte ou para brindar um momento feliz. E o nosso momento havia chegado!^A Em 24 de dezembro de 1950, David e eu ficamos noivos em cerimônia festiva no salão de nossa fábrica na Rua Ribeiro de

A- A família Kielmanowicz era da cidade de Chelm, na Polônia, sendo assim formada: Moshe [Moisés] Kielmanowicz e Bertha, pais de David (futuro marido de Klara), Esther, Natan e Haike. Moshe havia emigrado para o Brasil em 1935. Veio antes ao Rio de Janeiro, então capital do Brasil, para verificar o quanto a cidade poderia abrigar sua família. Através de *Cartas de Chamada*, conseguiu trazer a esposa e os quatro filhos. Quando enviuvou, tomou a decisão de emigrar para Israel, onde agora vivia sua filha Haike.

Lima. Meu sogro Moshe e meus cunhados Natan Kielmanowicz e Jacob Gorestein estiveram presentes na festa. A festa foi especialmente comemorada pela presença dos nossos primos e amigos, entre eles Luiz Zilberman e Joseph Snitkovsky de Yedinitz que, de tanta alegria, chegaram a dançar em cima das mesas junto de meu pai, também eufórico.

Meu noivado coincidiu com a fase de expansão de nossas vendas, situação que incentivou meu pai a convidar David para fazer parte da empresa em sociedade. David era, também, confeccionista, trabalhando na produção de acolchoados, produto de saída relativa em cidades quentes como o Rio de Janeiro. Assim que a sociedade se formou, David sugeriu a comercialização da produção conjunta em vendas a prazo, modalidade aceita por meu pai que visava ampliar os negócios e diversificar os produtos. Luiz Zilberman, que havia recebido a triste notícia da morte de todos os seus familiares que estavam conosco na Transnístria, tornou-se nosso fiador. Ligou do Rio para Joseph Snitkovsky para garantir a locação de um imóvel na Rua Ribeiro de Lima, no centro comercial do Bom Retiro. Nossas conquistas se ampliaram ainda mais quando estendemos as vendas aos bairros periféricos de S. Paulo.

Antes de casar-me com David, fui conhecer D. Bertha, minha futura sogra que morava em Sta. Tereza, no Rio de Janeiro. Eu e meu irmão nos hospedamos na casa dos tios Sure e Jaime que moravam nas proximidades, no mesmo bairro. David, em família, era chamado de “Niunio”, que em iídiche* significa “nenê”, comumente usado entre brasileiros. Ao visitar D. Bertha, pude realmente ver o quanto ela era interessante e bonita. Aliás, gostei de toda a família e acredito que eles também gostaram de mim, deixando a modéstia de lado.

No Rio, ainda que o clima pouco favorecesse o consumo de artigos de inverno, a família passou a confeccionar acolchoados. David, ao perceber que a região de S. Paulo tinha clima ameno e mais apropriado, resolveu abrir uma representação no Bom Retiro. Conheci David nesse período de instalação de seu escritório na Rua Correia de Melo, perto da Rua Prates, onde morávamos e mantínhamos a nossa confecção. A sociedade entre David, meu pai e meu irmão recebeu o nome de Brankel, uma somatória de Brand com Kel, de Kielmanowicz. Foi um sucesso, pois investimos em máquinas que aceleraram a produção para um mercado em franca expansão. Tudo estava bem, incentivando os preparativos para o casamento, realizado em 26 de agosto de 1951. Fomos viajar em lua de mel para Buenos Aires e Bariloche, cidades argentinas.



Itzik Brand na entrada da Fábrica de Tecidos Brankel, sociedade das famílias Brand e Kielmanowicz, à Rua Ribeiro de Lima, no Bom Retiro. S. Paulo, 18 de maio de 1956.
Fotógrafo não identificado. Acervo: K. Kielmanowicz/SP; Arqshoah/Leer-USP.



Itzik Brand (à direita) na sala de costura da Fábrica de Tecidos Brankel, à Rua Ribeiro de Lima. S. Paulo, 1951. Fotógrafo não identificado.
Acervo: K. Kielmanowicz/SP; Arqshoah/Leer-USP.



Família Ackerman, que ajudou os Brand a sair da Europa, presentes no casamento de Klara e David Kielmanowicz. Na frente: Naum (filho de Jacob e Esther Gorestein), Mimi Brandel (dos EUA), Esther Gorestein (irmã de David), Klara Kielmanowicz (noiva), Moshe Kielmanowicz (pai de David) e Maria (esposa de Natan Kielmanowicz). Ao fundo: Jacob Gorestein, Jaime e Mimi Sure, Natan Kielmanowicz (de óculos), David Kielmanowicz (noivo), Sara Yosssi e sua filha (primos de David). S. Paulo, 1951. Foto Burdman, Bom Retiro/SP. Acervo: K. Kielmanowicz/SP; Arqshoah/Leer-USP.

Como os Meiller também emigraram para o Brasil, consegui manter a velha amizade com Mara que, radicada em S. Paulo, casou-se com Tuli Meiller, hoje falecido. Ele era também de Yedinitz, muito amigo de minha família. Os irmãos de Tuli eram Godel e Moti. Mara faleceu cedo, deixando o filho Shimon, hoje muito amigo de meus filhos. Ele se casou com Márcia Meiller e faleceu em poucos anos. O neto de Mara e Tuli se chama André, e sempre que o vejo sinto muitas saudades da minha querida Mara. Nunca vou esquecer nossas intermináveis brincadeiras.

A felicidade desde o meu casamento com David perdura até hoje. Engravidei em 1953 e tive quatro meninos, um em seguida do outro. Ao engravidar pela quinta vez, torcíamos por uma menina. Felizmente, chegou Lucy, em 17 de novembro de 1963. Nossa felicidade

atingiu o ponto máximo com seu nascimento. O nome de Lucy veio de minha sogra Beila-Léa. Léa virou Lucy. David, meu irmão, casou-se com Raquel Gandelman, nascida no Brasil, cujos pais eram oriundos da cidade de Hotin, na Bessarábia. Eram imigrantes que se instalaram no Brasil antes da Segunda Guerra Mundial. Ainda que casados, meu irmão e eu procurávamos estar sempre próximos de nossos pais. Meus filhos e meus sobrinhos Thelma, Suely e Silvio eram amigos pelas idades próximas, levando-me a senti-los como filhos também. Raquel e eu costumávamos nos revezar levando as crianças ao *Beit Chinuch*, escola judaica não muito distante de nossas residências. Em 2005, meu irmão David faleceu aos 80 anos de idade.

A vida familiar transcorria de forma agradável. Em 1970, meus pais viajaram para Israel, momento simbólico na vida do casal. No entanto, em 1971 fomos surpreendidos pelo falecimento de meu pai aos 68 anos. As crianças eram ainda pequenas e pouco compreendiam aquele momento tão triste para todos nós. Minha mãe subsistiu ao meu pai por quase 20 anos. Ao ficar só, ainda que insistisse vir morar conosco, permaneceu em seu apartamento. Preocupada, pedi ajuda ao meu filho Leo para residir em seu apartamento, situado no mesmo edifício.



Itzik e Cecília Brand, pais de Klara Kielmanowicz, em Israel, 1970.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: K. Kielmanowicz/SP; Arqshoah/Leer-USP.

Klara Kielmanowicz

Mamãe, minha grande companheira e amiga, continuou com suas atividades na organização assistencial feminina NA'AMAT PIONEIRAS, onde foi várias vezes homenageada. Ao longo de sua trajetória, como esposa, mãe e mulher judia, teve a felicidade de compartilhar a vida comemorando os casamentos de seus netos, meus filhos e os de meu irmão. Hoje, assim como minha mãe, posso dizer com orgulho que tenho filhos maravilhosos formados em excelentes universidades: Humberto, meu primogênito, estudou em Londres e diplomou-se em engenharia têxtil; Léo formou-se engenheiro civil; Sérgio estudou medicina, especializando-se em cirurgia cardiovascular; Beno em engenharia biomédica, trabalhando com instrumentos médicos, e Lucy formou-se em administração de empresas.



Família Kielmanowicz por ocasião das Bodas de Ouro de David e Klara realizada no salão do tradicional Buffet França. S. Paulo, 2001. A partir da esquerda, 1º plano, sentados: Michel, Pedro, Daniel, André e Issac; 2º plano: Tomaz, Eduardo, David, Ruth, Gabriel, Camila, Klara, Alan e Mauricio; 3º plano: Caroline, Léo, Daniela, Ana Vera, Beno, Simone, Humberto, Cássia, Charles, Adriana, Sergio e Lucy Kielmanowicz. Fotografia não identificada. Acervo: K. Kielmanowicz/SP; Arqshoah/Leer-USP.

Uma matzeiva* para Yedinitz

A cidade de Yedinitz nunca vai ser esquecida, não somente por sua história, mas por ter um livro em sua homenagem: *Yad L'Yedinitz*, editado em Israel em 1973. Assim que *izkor buh* “Yad L'Yedinitz” chegou em nossa residência, um grande número de pessoas originárias de Yedinitz ali se reuniu. O cônsul de Israel, Leon, e sua esposa Antonieta Feffer, prestigiaram o evento acompanhados do Sr. Uron Mandel. A Universidade Popular da Hebraica esteve representada por Josef Zilberberg, a Wizo por Fany Rosentraub, e Rosa Zaguer como representante da NA'AMAT Nacional. A cerimônia foi dirigida pelo Sr. Joseph Snitkovsky, presidente do Bessarabian Farband, que falou sobre o trabalho de organização e a responsabilidade que eu tive na elaboração deste livro em Israel. O Sr. Kuperschmidt nos ajudou a distribuir o livro para aqueles que o haviam adquirido. Valeu a pena todo o trabalho, porque a cidade de Yedinitz nunca será esquecida. O livro, simbolicamente, é uma *matzeiva** para a cidade de Yedinitz²

In memorian, o *chazan* Yoshua Solon (z'l) homenageou todos os judeus de Yedinitz que nunca mais voltaram à sua cidade. Antonieta Feffer (z'l) e Cecília Brand, minha mãe, acenderam velas *in memorian* daqueles que lá pereceram, vítimas das atrocidades praticadas pelos romenos e alemães nazistas. Eu, Klara Kielmanowicz, proferi algumas palavras lembrando os acontecimentos ocorridos em minha terra natal: os assassinatos e deportação de milhares de judeus. Conteí que assisti essa tragédia que ficou marcada em minha alma e coração. Nunca consegui esquecer.

Rosa Zaguer, com muita nostalgia, falou da vida judaica da cidade de Yedinitz, seguida da fala de Itzhak Guterman em nome da IVO, assim como o poeta Meir Kutchinski, grande idichista. Foi servido o coquetel para todos os presentes. Ao final da reunião, David e eu agradecemos.

Além destes encontros, outros eventos memoráveis aconteceram ao longo da minha vida, reunindo importantes falantes e defensores da língua ídiche*. As dezenas de fotografias que hoje compõem meu acervo testemunham esta rede de relações e sociabilidade em defesa da cultura e da identidade judaicas.

2 O jornal *O Novo Momento*, dirigido por Konrad Harmetz em S. Paulo, escreveu sobre o livro *Yad L'Yedinitz* editado em Israel em 1973. Ver também o texto do Yizkor Book Project que cita a publicação de dois volumes: *Yad L'Yedinitz* (Tel Aviv, Israel, 1973) e *My Shtetl Yedinitz*, escrito por Golde Gutman-Krimer (Buenos Aires, 1943). Disponível em: http://yedintsy.homestead.com/Yed_YizkorBook_Main.html. Acesso em 20 set. 2020.



Klara Kielmanowicz junto ao grupo das Pioneiras defronte da residência de Ofra Navon. Jerusalém, 1986. Fotógrafo não identificado.

Uma matzeiva* para Klara Kielmanowicz^A

A- Todas as fotografias são do acervo K. Kielmanowicz/SP; Arqshoah/Leer-USP.

In memorian

1956: Klara ingressou na NA'AMAT, onde permaneceu por mais de 50 anos. NA'AMAT é a sigla usada para identificar *Nashim Ovdot U'Mitnadvot* (נשים עובדות ומתנדבות), que significa literalmente “Trabalho e Voluntariado de Mulheres”. Fundada no ano de 1921, a NA'AMAT PIONEIRAS é o maior movimento feminino judaico, ligado à Federação Geral do Trabalho em Israel, a *Histadrut*. Foi vice-presidente da NA'AMAT de S. Paulo. Diante da possibilidade do desaparecimento do iídiche*, idioma-mãe dos judeus da Europa Central e Oriental, saiu em defesa da sua preservação participando de congressos internacionais e fazendo conferências.

1971: nomeada diretora nacional do Departamento de Cultura Iídiche* da NA'AMAT.

1976-1978: como representante da NA'AMAT participou dos mais importantes congressos do idioma e cultura iídiche* realizados em Jerusalém e Bruxelas (1976), Tel Aviv (1978), Montreal (1982), Buenos Aires (1986), Londres (1988), Moscou (1991), Kiev (1994) e Ashkelon (1998).

1978: editora dos *Cadernos Culturais* na língua iídiche* e representante das Pioneiras em todos os congressos mundiais dessa língua.

- 1982:** o empenho pela saída dos judeus da União Soviética para Israel sensibilizou líderes de vários países. Klara integrou o Comitê em prol dos Judeus da União Soviética, sob a presidência do Sr. Elias Blankenfeld (z'l) e, depois, por Henry I. Sobel, rabino da CIP, que o substituiu; participou da 7ª Sessão do Congresso de Montreal acompanhada de Hadassa Citrynowicz e Adélia Kramer, sendo esta responsável pelo setor de Iídiche da NA'AMAT do Rio de Janeiro.
- 1982:** Klara e David ingressaram na Loja “Bandeirante” – *B'nai B'rith* de S. Paulo; integrou o Comitê em Prol dos Judeus da União Soviética sob a presidência de Elias Blankenfeld (z'l), em S. Paulo, junto com Fany Rosentraub da Wizo.
- 1986:** integrou a delegação da NA'AMAT Brasil – *Veida de Vellit Farband*, em Israel, que envolveu representantes de 12 países, totalizando 50 delegados.
- 1987:** participou do Congresso Mundial da NA'AMAT em Israel, onde defendeu Ida Nudel (1931), prisioneira na União Soviética, por ajudar judeus perseguidos pelo regime soviético que tentavam fugir do país: “Eu, Klara Kielmanowicz, representando o Brasil, acendo essa vela em meu nome e em nome de todas as *chaverot* da NA'AMAT Brasil. Prometo lutar para libertar Ida Nudel e uni-la à família em Israel”. Ida Nudel desembarcou no aeroporto Ben-Gurion, após ter sido libertada da Rússia Soviética em 15 de outubro de 1987.
- 1991:** na qualidade de diretora do Departamento de Língua e Cultura Iídiche da NA'AMAT Brasil, convidada pelo presidente Itzhak Korn, participou do VI Congresso de Língua Iídiche que foi realizado em Moscou nos dias 26 a 30 de maio de 1991, com 250 delegados de 33 países, e com participantes de várias regiões da União Soviética; introduziu o curso de iídiche* como difusão cultural pela professora Dra. Rifka Berezin, a pedido da família Rozenski, junto ao Departamento de Estudos Judaicos,
- 1998:** convidada pelo Comitê Mundial do Iídiche, participou do 8º Congresso sobre o Iídiche, realizado nos dias 8 a 11 de junho de 1998 em Ashkelon, Israel.



Abertura do I Congresso sobre o Iídiche com a presença de Golda Meir.



Klara Kielmanowicz (à esquerda), Shimon Perez, presidente de Israel, e Sara.
Tel Aviv, 1978. Fotografia de Shimon Fuchs.



Klara Kielmanowicz [traje branco, 2ª fila] em meio ao público.
Jerusalém, 1976. Fotografias de Shlomo Lavie.